

TICKNER, Arlene. B.; BLANEY, David. L. (EDS.). *Claiming the International*. Milton Park, Abingdon, Oxon: Routledge, 2013. ISSN: 9780415630689

**LEONARDO CARVALHO LEITE AZEREDO
BANDARRA¹**

Palavras-chave: Epistemologias geoculturais; Teoria das Relações Internacionais; Sul Global.

Keywords: Geocultural epistemologies; Theory of International Relations; Global South.

Definir o objeto de estudo das Relações Internacionais (RI) não é tarefa tão simples quanto o possa parecer, pois o campo abrange uma miríade de possibilidades de pesquisa capazes de elucidar a compreensão do estudioso sobre a relação entre unidades políticas e entre indivíduos no âmbito global. Nesse sentido, faz-se relevante estudar as distintas agendas de pesquisa disponíveis ao internacionalista, bem como explorar as diferentes perspectivas de mundo e ontologias capazes de explanar aspectos pouco enfatizados do funcionamento do mundo contemporâneo. Explorar essas diferentes possibilidades e contestar o provincianismo teórico centrado na academia ocidental é ambição central da obra *Claiming the International*, organizada por Arlene Tickner e David Blaney, publicada em 2013 como parte da série *Worlding beyond the West*.

A obra explorama insuficiência dos pressupostos idealizados pelas teorias predominantes nos estudos das RI, em especial o neorealismo e o institucionalismo-neoliberal, e buscam propor alternativas ao *mainstream* passíveis de evidenciar componentes

¹Mestrando em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília (UnB). **Endereço para correspondência:** Universitário Darcy Ribeiro - Prédio do Ipol/Irel, s/n - Asa Norte, Brasília - DF, 70904-970, Brasil. **Email:** lclab90@gmail.com

Recebido em:
15 de Julho de 2015

Received on:
July 15, 2015

Aceito em:
20 de Dezembro de 2015

Accepted on:
December 20, 2015

DOI: 10.12957/rmi.2015.17411

obscurecidos do ambiente internacional. Esses componentes seriam iluminados à medida que elementos fundacionais das teorias hegemônicas fossem problematizados por meio de contribuições oriundas da análise histórica, cultural, linguística, literária, principiológica de povos eclipsados pelo Ocidente. Realizar esse processo e, assim, delinear as possibilidades de pensar relações internacionais de forma plural é o objetivo central daquilo que Tickner e Blaney (2013) denominam epistemologias geoculturais. Esse esforço teórico demonstra, conforme lembra Tickner (2013, p. 215), que todo conhecimento é socialmente fortuito, portanto nenhuma epistemologia pode, de maneira legítima, ser declarada superior às demais. Ao contrário da uniformidade que implica o rótulo “teorias reflexivistas”, o qual abarca as formas de pensar competidoras à síntese neo-neo, as epistemologias geoculturais buscam relativizar as pretensões universalistas da análise sistêmica do positivismo ocidental por meio da cultura e da identidade.

A ênfase no Estado westfaliano como ponto de partida para a análise teórica, a não problematização do conceito de soberania, a desvinculação entre ética e política, a deturpação proposital de

teorias emergidas no seio da periferia internacional, como a teoria da dependência, são exemplos de pressupostos e de práticas ocidentais problematizados pelos diversos autores de *Claiming the International*. Essa problematização é realizada por meio de contribuições oriundas das tradições culturais e das perspectivas de mundo advindas de regiões como o sul da Índia, a América Latina, a África, os estepes eslavos. Busca-se, dessa forma, demonstrar quão necessário é considerar a perspectiva de mundo do estudioso quando da formulação da teoria. Isso relativiza os vieses advindos da inflexível tentativa ocidental de obter neutralidade científica, além de contribuir para a conformação de ponto de partida analítico para teorias mais holísticas, portanto mais aptas para descrever a realidade tangível.

Sob essa perspectiva, vale destacar as contribuições de Chris Chekuri e de Iver Neumann para o desenvolvimento teórico das epistemologias geoculturais, os quais escrevem, respectivamente, o quarto capítulo, “*Becoming nāyaka: sovereignty and ethics in the Tanjāvuri Āndhra Rājuṣa Caritra*”, e o quinto, “*Claiming the early state for the relational turn: the case of Rus’ (ca 800-1100)*”. Enquanto Chekuri destaca-se por demonstrar a

possibilidade de utilização de obras literárias clássicas como ponto de partida para problematização dos conceitos de ética e de soberania, Neumann explora as contribuições históricas dos povos nômades das estepes da Europa Oriental, em especial os Rus e os Khazars, para a formação das relações interestatais modernas.

Ao debruçar-se sobre os ensinamentos morais e comportamentais contidos na obra indiana *Tanjāvuri Āndhra Rājūṣa Caritra*, a qual conta os feitos dos monarcas *nāyaka*, da cultura sul-indiana telugu, Chekuri demonstra a possibilidade de pautar-se as relações entre unidades políticas por meio de princípios éticos que desafiam a *práxis* diplomática ocidental. Do *Tanjāvuri Caritra* emerge um mundo no qual o *dharma*, princípio que denota a noção de dever moral, e o *abab*, o qual denota a disciplina e o treinamento para o comportamento ético, sobrepõem-se ao interesse próprio e ao egoísmo. Por meio desses princípios, a nobreza *nāyaka* adquire e mantém seu pequeno reino em ambiente externo competitivo e predatório.

As ações dos reis *Viśvanātha Nāyaka* e *Vijayarāghava Nāyaka* demonstram que o dever a lealdade podem ser elementos fundamentais para a

sobrevivência política em ambientes hostis. Enquanto o primeiro obteve seu reino como recompensa por sua lealdade ao imperador *Krṣṇadēva Rāya* contra iminente invasão de seu próprio pai, o segundo ressalta a relevância da espiritualidade ao abster-se de seus deveres regenciais para orar. Esses dois monarcas, personificações, respectivamente, do *dharma* e do *abab*, demonstram formas alternativas de pensar política internacional, as quais poderiam incitar maior cooperação entre os atuais Estados nacionais por meio da relativização de conceitos enraizados na *práxis* diplomática ocidental, como o egoísmo e o interesse nacional.

Ao analisar a contribuição dos povos nômades para a formação das primeiras unidades políticas no leste europeu, como exemplificado pela cristianização dos povos Rus pelo príncipe de Kiev Vladimir, o grande, Iver Neumann demonstra ser errônea a teoria evolutiva do Estado formulada por pensadores como Friedrich Engels e Lewis Morgan e referendada por teóricos neo-kantianos como Émile Durkheim. Essa teoria, segundo a qual haveria escala evolutiva desde os povos sedentários até os Estados-nação, implica necessária exclusão das contribuições dos povos nômades à formação da estrutura estatal. Essa

exclusão decorreria de certa perspectiva darwiniana, pela qual o sedentarismo era visto como precondição para emergência do Estado (Neumann 2013, p. 82), portanto como condição superior à dos povos que optavam por manter o nomadismo.

Neumann argumenta ser a teoria evolutiva do Estado prejudicial ao entendimento da formação das estruturas políticas modernas, dadas as mútuas influências advindas das inter-relações entre povos nômades e sedentários. As estruturas de sucessão modernas, moldadas pela prática do império mongol, e as formas de recolhimento de tributos estatais, influenciadas pelos khazars e pelos rus, demonstram a abrangência das contribuições nômades para a formação do Estado moderno. Relembrar os povos das estepes seria, dessa maneira, revitalizar os estudos

de uma importante parte da história humana e incitar, também, embora esse ponto não seja elencado pelo autor, o intercâmbio cultural horizontal entre as sociedades sedentárias modernas e os povos nômades remanescentes no mundo atual, como os indígenas na Amazônia.

Como mostrado pelos exemplos acima citados, a obra *Claiming the International* traz à luz a necessidade de expandir a atividade teórica em RI, de modo a abarcar contribuições antes relevadas a segundo plano. Apenas por meio do reconhecimento das múltiplas possibilidades de teorização, da análise de culturas e dos princípios obscurecidos pelo *mainstream*, e da consideração da humanidade como grupo, poderá o campo das RI harmonizar-se com a complexidade do seu objeto de estudos, que é, por definição, difuso e plural.